

## Estética e esporte contemporâneo: diálogos sobre a beleza

Allyson Carvalho de Araújo<sup>1</sup>

### Resumo

O presente estudo tangencia a discussão que autoriza os elementos da cultura a serem tematizados pela estética, apresentando o esporte enquanto elemento estético, e tem por objetivo problematizar a relação entre estética e esporte, destacando os modelos de beleza apresentados na transmissão de eventos esportivos. Utiliza como objeto de análise exploratória cenas da transmissão da final da Copa América de Voleibol Masculino no ano de 2005, veiculada no dia 07 de agosto deste mesmo ano. As impressões destacam algumas afirmações com o modelo clássico de beleza bem como também apontam outras distantes dos comumente associados ao belo no esporte, mas que no entanto dialogam como princípios fundantes da lógica esportiva de rendimento corpóreo.

Palavras-Chave: Esporte . Estética. Beleza.

### Abstract

This article follows the discussion that authorizes the culture elements to be organized by the aesthetic, introducing the sport as an aesthetical element, and have the purpose of making problem in the relation between aesthetic and sport, detaching beauty models presented in the sportive events transmissions. Uses as object of the explorer analyses transmissions scenes of the 2005 Final America Male Volleyball Cup, occurred in august 7th of the same year. The impressions emphasize some affirmations with the classic model as also point others different from the frequently related to beauty in the sport, but that dialogues as important fundaments of the sportive logic of corporeal profit.

Keywords: Sport. Aesthetic. Beauty

---

<sup>1</sup> Prof. da Universidade Federal Rural de Pernambuco – UFRPE. Doutorando vinculado ao PPGCOM/UFPE. Contato: [allyssoncarvalho@hotmail.com](mailto:allyssoncarvalho@hotmail.com)

## Estética e esporte: diálogos inconclusos

A estética, enquanto disciplina filosófica referendava-se ao belo, teve seu entendimento fortemente alicerçado no pensamento de Alexander Baumgarten, filósofo alemão que inaugurou este termo, baseado na expressão grega *aisthesis* que fazia referência ao que se percebe com os sentidos e/ou sentimentos (FEITOSA, 2004).

Inicialmente entendida como “disciplina que tenta sistematizar racionalmente a diversidade de experiências da beleza na arte” (idem:110), a estética atualmente abre olhar para diversas formas de experiências que não se restringem ao artístico.

No entanto esta relação não apresenta uma linearidade de pensamento e estabelece tensões entre o campo artístico e cultural. Segundo Sarlo, “o reconhecimento e a disputa por lugares autorizados em matéria estética encontrou nos artistas vozes que contestavam a opinião do 'senso comum' e exibiam suas credenciais em apoio à difusão propagandísticas de suas opiniões” (SARLO, 2000:149).

A tensão no campo artístico pela afirmação da autoridade sob as questões estéticas derivaram uma segregação entre os objetos culturais e os objetos artísticos. Uma das possibilidades de argumentação em favor desta bipartição surge de Panofsky (*apud* BOURDIEU, 2007:32) ao afirmar que “são definidos por oposição aos objetos naturais, a classe dos objetos de arte definir-se-ia pelo fato de que ela exige ser percebida segundo uma intenção propriamente estética, ou seja, de preferência, em sua forma e não sua função”.

A dicotomia entre forma e função demarcou, e em alguns casos ainda demarca, esta separação entre o campo artístico e os objetos culturais. No entanto, o sempre recorrente debate chega à modernidade com algumas

modificações que remonta o discurso separatista, mas não a tensão na autoridade do campo da arte.

Um dos paradoxos da modernidade é justamente a relação que une saber e poder de modo mais embaraçado do que revelariam as versões mais simples. No que concerne ao saberes (entre eles, as “regras da arte”), a modernidade podia ser liberal, mas não democrática; podia até não ser liberal em absoluto. Assim, a desconfiança diante do “senso comum” atravessa a história das concepções de arte e cultura. Por isso a modernidade, quando sensível à democracia, é pedagógica: o gosto das maiorias deve ser educado, uma vez que não há espontaneidade cultural que assegure o juízo em matérias estéticas. (SARLO, 2000:149).

A educação incitada acima dialoga com o que o Bourdieu entende ao pensar os julgamentos de valor ordenados por valores clássicos, geralmente referendados na “arte”, que são transmitidos pela educação sistematizada nas instituições socialmente respaldadas. No entanto, na negociação para assumir-se enquanto objeto estético, várias manifestações sociais, dentre elas o esporte, vem adquirindo defensores dentro do próprio campo artístico-intelectual (BORDIEU, 2007).

No que tange ao esporte estas inquietações são compartilhadas por autores, tais como Gordon Graham (1997), que trabalha a idéia de arte enquanto jogo criativo, no qual pode inserir-se o esporte, além de apontar a questão da torcida enquanto forma emblemática da relação do público com a obra de arte. Wolfgang Welsch (2001) coloca o esporte enquanto um tipo de arte a partir do deslocamento concêntrico dos conceitos que lhe são próprios. Já Bertold Brecht (BORNHEIN, 1992), admirava o aspecto plástico e objetivo do gestual dos atletas chegando a vislumbrar no esporte uma possibilidade de construção de um método para o teatro. Ainda pode-se fazer aproximação com Maurice Nédoncelle (SUASSUNA, 2008) que, baseado nas idéias de São Tomás de Aquino inspirado na tradição da filosofia mediterrânea, propõe sua

classificação das Artes incluindo o esporte, juntamente com a dança e a mímica, em uma categoria que intitula de Artes tácteis-musculares.

Em geral, as discussões levantadas apontam para um construir gradativo desta ponte entre arte e esporte, mesmo afirmando as singularidades destas práticas. As afirmações baseiam-se basicamente na apreciação estética que o esporte espetáculo proporciona e na proximidade entre a performance artística e atlética de criação no evento.

As possibilidades de articulação entre a arte o esporte, e a tensão que isso proporciona, faz-nos refletir o porque da necessidade de equiparar as manifestações culturais, tal como o esporte, ao objetos artísticos. Para o esporte, enquanto manifestação social que tem claramente seu espaço assegurado na trama social, talvez esta negociação com o campo artístico faça referência à busca por um respaldo social superiormente valorado que a arte possui. Na busca por uma desestabilização deste debate Welsch depõe que:

Talvez o esporte careça de alguns traços constitutivos de algumas artes – mas o mesmo acontece com outros tipos de arte também. A pintura e a escultura produzem obras - objetos, as obras representativas não. Assim também como o esporte. E se há alguns traços da arte de que o esporte carece inteiramente, isto também não significa que o esporte não possa ser arte. Pois o conceito de arte é complexo e aberto. Coisa alguma precisa, para se tornar arte, preencher todos os aspectos que podem ser responsáveis por se poder se denominar arte uma determinada coisa. Uma série de traços – diferindo em parte de um gênero a outro – é suficiente. E o esporte supre uma variedade desses traços – e, obviamente, traços importantes. Portanto parece altamente plausível para mim que se veja o esporte atual como arte. (WELSCH, 2001:157-158).

Na dinâmica de negociação entre os campos, este mesmo autor refaz sua fala ao indicar a fragilidade de um conceito único de arte ao passo que identifica a singularidade da manifestação esportiva. Em suas palavras:

Minha suposição é que todas as objeções a isso estão em descompasso com a compreensão moderna de arte tal como é apresentada pela própria arte. Quando, por volta do final, sugeri complementaridade entre arte e esporte, não pretendi questionar o esporte como arte. O esporte é

*um tipo de arte. A arte (no seu sentido usual) é um outro tipo. Isso é tudo. (Idem: 160).*

A partir do debate, que não se encerra tranquilamente, é possível identificar como síntese atual a compreensão do esporte como elemento estético, num movimento de ampliação de conceito de estética aplicados aos elementos da cultura de um modo geral. Segundo Maffesoli, “a estética difratou-se no conjunto da existência. Nada mais permanece incólume. Ela contaminou o político, a vida da empresa, a comunicação, a publicidade, o consumo, e, é claro, a vida cotidiana” (MAFFESOLI, 1996:12),. Na compreensão mais usual atualmente, o campo estético não pode ser reduzido ao campo artístico, nem ao contrário, extrapolando este último (SODRÉ, 2002).

Nesta expansão do entendimento estético para além dos espaços reconhecidamente artísticos o esporte encontra-se como instância promissora para o debate do estético na sociedade contemporânea como aponta Welsch, ao referir-se ao deslocamento concêntrico dos termos esporte e estética (WELSCH, 2001). Desse modo, o esporte que pode assumir momentos trágicos ou belos, atraentes ou desinteressantes, emocionantes ou patéticos, sublimes ou aterrorizantes, torna-se fonte inesgotável de questões e debates sobre a sua dimensão estética, relacionando-o com as sensações que este fenômeno proporciona nos sujeitos apreciadores.

Perante a comoção social que o esporte pode ofertar é perceptível a negligência do debate sobre esta manifestação no campo estético. Apontando um modelo de distinção e segregação, a manifestação esportiva carece do prestígio social e intelectual que outras manifestações sociais, tais como as artísticas têm.

É bem provável que a referência ao esporte como a “mais bela marginalidade a vida”, que há tempos ganhou popularidade na Alemanha (die schönste nebensanche der Welt), seja a caracterização

mais positiva e solidária que possamos encontrar entre os representantes da alta cultura. “Marginalidade”, aqui, não se refere exclusivamente à ausência de funções práticas do esporte em nosso cotidiano. A literatura, a música clássica e as artes visuais têm a mesma ausência, mas ninguém se atreveria a chamar as sinfonias de Beethoven, as odes de Keats ou os afrescos de Giotto de marginais. Na realidade, a referência à marginalidade do esporte funciona como advertência bem-humorada sobre o risco de levar os prazeres que ele oferece a sério demais. (GRUMBRECHT, 2007: 27).

Do ponto de vista estético, Porpino considera que “a visão do esporte como espetáculo também reflete significativamente essa presença dos elementos estéticos atrelados à prática esportiva e aponta para a questão da apreciação do esporte como possibilidade de vivência estética” (PORPINO, 2003: 148). Assim, a associação entre esporte e estética, pode também além da intenção de legitimação social ser relacionado a uma leitura mais profunda da própria compreensão do fenômeno esportivo.

Considerando esta linha de pensamento, é preciso abandonar a tradicional concepção de estética estritamente relacionada à Arte e pensar que outras manifestações podem desencadear as mais diversas sensações em seus apreciadores através da experiência estética.

É evidente que a experiência estética não se limita ao domínio da prática artística historicamente estabelecida. Ela existe, em primeiro lugar, na apreciação da natureza, inclusive nesta parte da natureza que é o corpo humano. Mas nós também a encontramos em rituais e no esporte, nas paradas, nos fogos de artifícios, na mídia da cultura popular, na ornamentação doméstica e corporal, de tatuagens primitivas e pinturas rupestres a cosméticos contemporâneos e decorações de interiores e, com certeza, nas inúmeras cenas cheias de cor que povoam nossas cidades e embelezam nossa vida cotidiana (SHUSTERMAN apud PORPINO, 2001: 94).

As considerações que se interpenetram nos campos do esporte e da estética estabelecem ainda alguns debates no que tange a transformação do esporte, e suas conseqüentes transformações estéticas, sobretudo em sua articulação com mídia. Observa-se que “já não é possível referir-se ao esporte

contemporâneo sem associá-lo aos meios e comunicação. [...] A relação esporte-televisão vem alterando, progressivamente e rapidamente, a maneira como praticamos e percebemos o esporte” (BETTI, 1998: 31).

Segundo o autor supracitado, as modificações oportunizadas pela abordagem do esporte sob os modelos televisivos devem ser entendidas como uma nova forma de comunicação que não cria uma estética própria, mais reformula o fenômeno aos seus códigos.

Em suas palavras:

“como fenômeno sociológico, todavia, a televisão é capaz de criar gostos e propensões, necessidades e tendências, esquemas de reação e modalidades de apreciação, que acabam por tornarem-se determinantes para a cultura, até mesmo no terreno estético (BETTI, 1998: 43).

Neste sentido, a compreensão do processo de valoração dos elementos agonísticos permanece no cenário esportivo modificando, no entanto, as percepções da beleza no esporte antes somente delimitadas pela perfeição gestual e a beleza corpórea.

Para testemunhar os indicativos desta nossa hipótese nos deteremos ao estudo de algumas cenas da transmissão da final da Copa América de Voleibol Masculino no ano de 2005, veiculada no dia 07 de agosto deste mesmo ano. Nesta transmissão estão presentes indícios do que é valorado, enquanto belo, na transmissão televisiva no esporte contemporâneo que nos possibilitam compreender as modificações operadas no distanciamento do esporte moderno.

A estética esportiva contemporânea: o belo clássico reificado?

O esporte<sup>2</sup> inaugura-se na compreensão que temos atualmente dele, sob o rótulo do esporte moderno como manifestação da cultura de movimento que

---

<sup>2</sup> Na historicidade da palavra, esporte deriva do termo inglês “*sport*” arraigado de um sentido hedonista que denotou a partir do século XIV significações de diversão ou passatempo, tendo inclusive significado similar ao de fazer amor no século XVI. Desde sua delimitação enquanto esporte moderno (século XIX) este fenômeno cada vez mais abandona sua conotação de prazer em favor da disciplina.

se caracteriza fortemente pela competição e o rendimento físico-técnico. Esta manifestação, resultado da burocratização e sistematizações das práticas corporais, surge no seio da cultura europeia ainda no século XVIII e firma-se no século XIX, tendo como seus desdobramentos mais clássicos a cientificação do treinamento, o sentido agonístico e a busca pelo *record* (BRACHT, 2003).

Por representar um ideal social de sua época, o esporte moderno apresenta uma estética balizada pela competição exacerbada, a comparação objetiva e o sobrepujar que visualiza a vitória como finalidade única do esporte. O ideal do "*citius, altius, fortius*"<sup>3</sup> sobrepõe-se sobre o *fair play* aclamado no discurso de um esporte associado também a moral.

Considerando que o plano estético "pode aparecer e de fato aparece historicamente tanto como a garantia de certas formas de valor absoluto e eterno" (CONNOR, 1994: 14) e que as características supracitadas formularam uma estética esportista extremamente competitivista observamos que o esporte reifica valores que se atualizam e que não abandonam a cientificação do treinamento e a busca pela perfeição técnica, como compreensão clássica de beleza esportiva.

Balizados pela apreciação acreditamos que a estética esportiva se materializa pelos modelos de beleza e de performances técnicas. E especial, nas transmissões televisivas do esporte espetáculo é possível perceber alguns padrões ou modelos de beleza que afirmam que os julgamentos estéticos são muitas vezes ordenados segundo valores clássicos como em diversas práticas sociais (BOURDIEU, 2007).

Assim consideramos que o belo no campo esportivo incide sobre tudo que se relacione a perfeição do gesto, da harmonia das ações e a proporcionalidade dos corpos, transposição clara do modelo clássico de beleza que imperava nas artes para o cenário esportivo. Nos utilizamos da analogia

---

<sup>3</sup> Expressão do Latim que evoca o desejo de ser o mais rápido, o mais alto e o mais forte e assim elevar o desempenho humano nas provas olímpicas.

de Porpino, que retoma a figura de Apolo como representante emblemático da beleza clássica, para tecer considerações sobre o belo clássico a que nos referimos. Nas palavras da autora:

Retomando o ideal grego de beleza, encontraremos Apolo, o Deus da medida, da ordem, da proporção, da simetria e do equilíbrio, representante de uma beleza fundada na aparência capaz de mascarar a verdadeira realidade (indesejada) e produzir o aumento do prazer, da força necessário à existência (PORPINO, 2001: 96).

Assim sendo, uma possibilidade visualizar o belo no esporte é iniciar uma incursão por seus espectadores, a torcida. Um exemplo clássico nas transmissões é o foco nos elementos de torcida que comungam de uma mesma estética corporal e comportamental, uma incitação de uma vivência do mesmo, do comum, do esperado. Assim, tomando à veiculação da final da Copa América de Voleibol Masculino no ano de 2005, veiculada no dia 07 de agosto deste mesmo ano, é possível observar em alguns momentos da transmissão, que a seqüência de imagens sobre os espectadores sobrevoa vários metros de arquibancada em câmera aberta e velocidade regular articuladas com cenas em primeiro plano.

Esse destaque feito ocorre porque “a torcida tornou-se, ela própria, parte integrante do espetáculo esportivo – a “ola”, as bandeiras, as coreografias, os cantos aparecem com destaque na cobertura televisiva do evento esportivo” (BETTI, 1998:99). No que tange à atitude apreciativa da torcida, percebe-se nela um mecanismo de entrega e envolvimento com o evento esportivo, próximo do entendimento de espectador dionisíaco apontado por Nietzsche.

Rica é distinção de Friedrich Nietzsche entre a atitude apolínea e a dionisíaca [...]. Os espectadores dionisíacos, por outro lado, tendem a abandonar totalmente a individualidade e o distanciamento e a entrar em comunhão tanto com os outros expectadores como com a energia que emerge da ação que estão acompanhando (GRUMBRECHT, 2007:149).

As perspectivas de visão possíveis nas cenas apreciadas na tv enaltecem tanto o número de espectadores presentes no evento quanto a seleção de torcedores que apresentam um padrão de beleza baseado na cor branca da pele, nos adereços relativos a sua condição de torcedor, na euforia, na vibração a cada ponto e no elemento patriótico apresentado por faixas e bandeiras, como pode ser observado na imagem abaixo.



*Imagem 01 – A torcida dos espectadores*

A imagem corporal dos torcedores e as atitudes frente ao espetáculo-esportivo são uniformes e propõe um modelo pré-definido. As atitudes de ovação ao atleta, mas que identificação, identifica o culto ao corpo belo e funcional do atleta que espelha a expectativa de corpo do espectador.

A mediação empenhada pelos meios de comunicação de massa na necessidade dos indivíduos por corresponder a uma expectativa de corpo é importante e deve ser compreendida, também, em seus efeitos mais fundamentais, relacionados com a auto-estima. O que se pode perceber é que há estratégias de marketing em torno de “padrões de beleza” criados de normatividade da ciência, sendo que essa passa depois, a ser influenciada por aqueles mesmos padrões que ajudou a fundamentar, contribuindo, dessa forma, para uma nova relação dos indivíduos com sua dimensão corporal (SILVA, 2001b: 57-58).

Ainda na transmissão do final da Copa América de Vôlei, no tocante à imagem direcionada aos jogadores, o close nos personagens em jogo é

colocado sobre os protagonistas, ou seja, nos possuidores/ articuladores da bola enquanto elemento de fetiche e representante do poder de ação em jogo.



*Imagens 02 03, 04 – O belo na performance*

Aí se estabelece uma nova possibilidade de concepção de beleza atrelada ao esporte que, mesmo ainda voltada ao ideal clássico de beleza baseado na perfeição, abre perspectivas de ação deslocando a busca da perfeição do gesto técnico para a sua eficiência.

Pensemos... Se por um lado o deslocamento do foco da perfeição técnica para a eficiência do gesto demanda um aprimoramento das formas de instrumentalização do corpo, por outro, esse mesmo deslocamento oportuniza o surgimento de novas formas de ação, de criação de movimentos, para além da técnica perfeita, o que, dentro da especificidade do jogo, evidencia a plasticidade corporal e sua capacidade criativa.

Em nossa apreciação, percebemos que o atleta é ovacionado pela conquista do ponto e não por seu perfeito desempenho técnico. Nesse sentido Welsch nos fala que

A perfeição estética não é incidental para o sucesso esportivo, mas intrínseca. O que é decisivo para o sucesso esportivo é a perfeita performance. É esse fator sobre todos os outros, que é esteticamente apreciado no esporte [...] No esporte o estético e o funcional andam de mãos dadas (WELSCH, 2001:144).

O belo não consiste unicamente na perfeição técnica, ela no esporte pode extravasar e ser autocriativa, re-desenhando a compreensão apolínea de beleza e possibilitando uma atitude dionisíaca de desordem, êxtase e embriaguez do ato criativo. Por outro lado essa amplitude da beleza no esporte também entra em desacordo com o ideal de prazer estético, intrinsecamente ligada à beleza, em Kant balizado pelo juízo de gosto numa situação de satisfação pura, desinteressada e sem gratificação pessoal (GUMBRECHET, 2007), já que o instante de êxtase comemorativo é o foco de interesse do torcedor e do atleta, inclusive sendo talvez o motivo de todo evento.

Intrigante pensar no conceito de beleza no esporte, já que neste, enquanto manifestação não artística, seja qual for se referencial de beleza adotado será sempre vítima de questionamentos sob suas considerações estéticas. É neste sentido que indicamos que a gratificação instantânea dos espetáculos esportivos pode, na visão de alguns autores, creditar a este um valor cultural distinto de valores superiores. O valor estético presente nos elementos da cultura não artísticos, como é o caso do esporte, para aqueles pode ser visto como prazeres corrompidos ou esteticamente não classificados.

Enquanto a cultura de massa produz uma condição de vício, um desejo de mais e mais do prazer que não traz satisfação, a arte autêntica proporciona de uma vez uma forma superior de desapontamento que aponta para o vazio de todos os prazeres corrompidos (CONNOR, 1994:50).

Desconsiderando estas considerações, a apreciação do esporte, em especial do jogador que efetiva o ponto, torna-se centro do foco transmissões em nível mundial em cenas que mesclam sua imagem de comemoração com o

“replay” de sua ação. Não raro, as formas de visualização se multiplicam perante o telespectador que tem a oportunidade de rever a jogada inúmeras vezes sob diversos ângulos.

Essa ação enaltece a ação do jogador. Cria-se para nós um sentimento de admiração, incitando-se a criação de um novo ídolo a cada instante. Cada novo ponto é momento de enaltecer personagens diferentes, fazendo com que na mesma velocidade das imagens caminhe nossa fugaz idolatria.

Ao longo da apreciação do telespetáculo esportivo, a impressão, aos nossos olhos, é de que os modelos de atletas se confundem com os modelos das técnicas esportivas mostradas ao longo da transmissão. Nesse sentido, é importante chamar a atenção para a possibilidade de utilização do corpo para além das ações comumente solicitadas e as vivências estéticas desencadeadas nos seus telespectadores; o que nos remete ao termo *estesia*<sup>4</sup>. Concebemos ser necessário e oportuno pensarmos na relação entre o telespetáculo esportivo e seus telespectadores, considerando os atletas de alto desenvolvimento técnico que, ao executarem suas performances corporais, criam em seus espectadores um sentimento dúbio de êxtase e aflição. As sensações provocadas pelo esporte espetáculo são fortemente potencializadas pelos meios de comunicação ao transmitirem, através de inúmeras estratégias, formas espetaculares de apreciação estética potencializando as possibilidades de visibilidade do belo no esporte televisionado.

Sob outra ótica, se pensarmos os fatores estéticos na perspectiva do jogador, percebemos que a relação entre o sujeito e o objeto, da qual emerge a experiência estética, também ocorre de forma evidente. Os jogadores são, ao mesmo tempo, criadores e apreciadores dos gestos. Criadores, na medida em que dão vida aos gestos e apreciadores, no momento em que percebem que sua atuação é significativa, em relação aos outros, para a concretização da

---

<sup>4</sup> Segundo Duarte Jr., “a estesia, o saber sensível, consiste fundamentalmente numa experienciar a beleza, já que as coisas que nos revelam como prazerosas e surpreendentes, ainda que, às vezes, assustadoras e terríveis” (2001, p. 155).

jogada. Cria-se também, na apreciação de um evento esportivo, uma comunicabilidade que, entre os jogadores e os telespectadores de um modo geral, ocorre uma comunhão de sentimentos, intenções e sensações. Segundo Soares (2004, p. 01) isso ocorre porque “a força contida no gesto põe em jogo todos os sentidos daquele que o executa e, também daquele que observa essa gestualidade. É como se a profusão de códigos e sentidos ali demonstrados tivesse uma força de persuasão impossível para a palavra”.

Talvez seja essa uma das formas de pensar a cumplicidade existente no relacionamento do telespectador com o telespetáculo esportivo. Na verdade, a manifestação esportiva e suas conseqüentes impressões só se caracterizam inteiramente mediante os agentes/ jogadores, suas performances e, principalmente, pelo evento em relação aos espectadores.

O que caracteriza a estética do jogo é “o elemento adicional da performance, que revela todos os tipos de habilidades pessoais, a interpretação individual e a abertura para o evento que eles criam (enquanto é criado)” (WELSCH, 2001:153).

Na perspectiva espetacular, um elemento que se torna fundamental para discussão é a utilização da técnica em jogo. Pensamos na importância desse elemento por ser ele o desencadeador das sensações tanto para quem joga quanto para quem aprecia. Nesse ponto, podemos fazer um paralelo com o que Marcel Mauss (1974) chama de classificação das técnicas corporais<sup>5</sup> em relação ao rendimento. Para o autor “[...] as técnicas corporais podem classificar-se em relação a seu rendimento, em relação aos resultados do treinamento” (MAUSS, 1974:220). Nesse sentido, para o esporte, o que causa estesia, o que é belo, é também o que incita maior rendimento e destreza corporal, numa forma de sensibilizar o espectador a partir do espetáculo corporal.

---

<sup>5</sup> Termo caracterizado por Marcel Mauss (1994) como sendo as formas como as pessoas fazem uso de seus corpos.

No entanto, é necessário observar que para este mesmo autor também é necessário refletir o *habitus* que envolve a o contexto de aplicação da técnica. Neste sentido, a técnica, ou o uso dos corpos, pode variar conforme a época e o contexto no qual se insere, constituindo um *habitus*, o que influi, inclusive, na concepção de perfeição e beleza dos gestos técnicos.

Nessa corrente de pensamento, a maior habilidade torna-se equivalente ao maior êxtase provocado, como ocorre na estesia de uma vitória. Desse modo, o produto espetacular no mundo esportivo se justifica pelo viés da vitória, mas não se restringe a ela, como comenta Welsch:

O ponto principal, entretanto, é que, no esporte, o objetivo de ganhar não pode se realizar diretamente, mas somente através da performance esportiva. É a superioridade da performance esportiva de alguém que produz a vitória. Assim a própria obra do atleta é, neste caso, a sua performance, que talvez resulte numa vitória (WELSCH, 2001: 151-152).

Nesse contexto, é possível perceber que o sentido maior do espetáculo esportivo, seja ele televisionado ou não, não passa necessariamente pela perfeição técnica, mas pela representação simbólica de disputa constante de poder. Neste sentido, o espetáculo é pensado como um evento que

Possui uma natureza quente, procura impactar nossas emoções, sentimentos e sensibilidade, fazendo-nos rir, chorar ou exaltar. Um bom espetáculo deve aumentar nossa carga emotiva, faz crescer nossas emoções e, no final, permitir sua descarga, embora ao longo do mesmo existam descargas parciais da emotividade. Um espetáculo que não nos comove deixa de sê-lo e torna-se sem graça, contra nossos gostos, contra aquilo que esperamos que proporcione (LOVISOLO, 1997: 83).

Nesse cenário telespetacular do esporte, geralmente promovido pela divulgação midiática, até o trágico sacrifício humano (MELO, 2003) no esporte rendimento tem conotação de algo belo. É o que Soares (2002) chama de estetização do sacrifício, referindo-se aos excessos corporais proporcionados,

ocultando dor e reprimindo a expressão de seu corpo, em severos treinamentos para a perfeição técnica. Por outro lado, os atos imperfeitos, feios ou incorretos podem assumir o status de belo no esporte por meio de sua eficácia, sua performance. Por outro lado, a transgressão do gesto técnico oportuniza novas apreciações estéticas que diferem da tradicionalidade da perfeição técnica.

É com base nos argumentos expostos, trabalhados sob a lógica dos modelos de beleza corporal e técnica, que apontamos a intensidade de sensações provocadas pelo esporte e potencializadas pelo esporte enquanto espetáculo televisionados, caracterizando a estesia no sujeito, não trabalham unicamente pelo viés clássico de beleza, mas dialoga com outras impressões.

#### A (re)construção da beleza no esporte

A intuição que reside em nós enquanto apreciadores começa a esboçar um respaldo no debate apresentado. Considerando que “o sentimento de beleza nos anima a saber, a procurar, a querer desfrutar o desconhecido, em busca do seu sabor e de seu sentido em nossa existência” (DUARTE JR, 2001:155) é que procuramos estabelecer relações com a beleza no esporte contemporâneo para obter indícios de sua mutação.

As impressões apresentadas nos remetem a uma reificação dos valores agonísticos do esporte, próprio do que lhe define enquanto manifestação moderna, mas que têm dialogado com estratégias de sensibilizar o sujeito via espetacularização de dramatização da trama esportiva.

O sacrifício corporal, a jogada não correta (mas eficaz), drama da derrota, o desespero do ponto ou a comicidade do atleta pouco técnico podem vir a ser espetacularizado como destaque esportivo, destoando das ênfases creditadas unicamente à perfeição do gesto e aos corpos balizados pela proporcionalidade.

Se na questão do ideal de corpo, a ênfase do esporte permanece em corpos longilíneos, esbeltos e robustos que afirmem uma representação de força, no que tange à perfeição dos gestos surge uma possibilidade que vai além da técnica correta. Estabelece-se uma possível relação do corpo brincante e funcional do atleta focado com o embricamento das concepções de beleza atrelados a Apolo e Dionísio para reconhecer uma possibilidade de apreciação estética que supere os modelos clássicos da concepção de beleza. Estas apontam para valorações atualizadas às aspirações espetaculares do contemporâneo, circunscrita à *performance*, para não negar a especificidade esportiva, mas aberta a formas diversas de produção do belo.

#### Referências

BRACHT, Valter. Sociologia crítica do esporte: uma introdução. 2ª Ed. Ijuí: Unijuí, 2003.

BORNHEIM, Gerd. *Brecht. A estética do teatro*. Rio de Janeiro: Graal, 1992.

BOURDIEU, Pierre. *A distinção: crítica social do julgamento*. São Paulo: Edusp; Porto Alegre: Zouk, 2007.

CONNOR, Steven. *Teoria e valor cultural*. São Paulo: Edições Loyola, 1994.

DUARTE JR, João Francisco. *O sentido dos sentidos: a educação (do) sensível*. Curitiba: Ed. Criar, 2001.

FEITOSA, Chales. *Explicando Filosofia com arte*. Rio de Janeiro: Ediouro, 2004.

GRAHAM, Gordon. *Filosofia das artes*. Lisboa: Edições 70, 1997.

GUMBRECHT, Hans Ulrich. *Elogio da beleza atlética*. São paulo: Companhia das Letras, 2007.

MAFFESOLI, Michel. *No fundo das aparências*. Petrópolis: Vozes, 1996.

Programa de Pós-Graduação em Comunicação  
Universidade Federal de Pernambuco  
ISSN 1516-6082

MAUSS, Marcel. Sociologia e antropologia. São Paulo: EPU, 1974.

MELO, José Pereira. Sacrifícios do corpo. In: ALMEIDA, M. da Conceição; KNOBBE, Margarida & ALMEIDA, Ângela (Org.). Polifônicas idéias. Porto Alegre: Sulina, 2003.

PORPINO, Karenine de Oliveira. Interfaces entre corpo e estética: (re)desenhando paisagens epistemológicas e pedagógicas na educação física. In: LUCENA, Ricardo de

F. & SOUZA, Edílson Fernandes (Org.). Educação física, esporte e sociedade. João Pessoa: Editora Universitária/ UFPB, 2003.

F. & SOUZA, Edílson Fernandes (Org). Dança é Educação: interfaces entre corporeidade e estética. Tese (Doutorado em Educação). Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade Federal do Rio Grande do Norte, Natal, 2001.

SARLO, Beatriz. Cenas da vida pós-moderna: intelectuais, arte e videocultura na argentina. Rio de Janeiro: Editora da UFRJ, 2000.

SILVA, Ana Márcia. Corpo, Ciência e mercado: reflexões acerca da gestação de um novo arquétipo de felicidade. Campinas: Autores Associados: Florianópolis: Editora da UFSC, 2001.

SOARES, Carmen Lúcia. Imagens da educação no corpo – a ginástica e a estética da retidão. [on line]. URL: <http://www.deportes.uba.ar/uba-cid/argentina.doc>. , 2004.

SOARES, Carmen Lúcia. Corpo prazer e movimento. Sesc, verão, corpo feliz. São Paulo, p. 15-23, 2002.

SODRÉ, Muniz. O império do grotesco. Rio de Janeiro: MAUAD, 2002.

SUASSUNA, Ariano. Iniciação à estética. Rio de Janeiro: José Olímpio, 2008.

WELSCH, Wolfgang. Esporte – Visto esteticamente e mesmo como arte? In:

ROSENFELD, Denis L (Org.). Ética e estética. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2001.